

Diário de Petrópolis, 10 de Julho de 2022.

As Quatro Frentes Econômicas do Confronto Global

Por: Ronaldo Fiani

Já mencionei em vários artigos que o economista norte-americano Ronaldo Coase (1910-2013), que foi agraciado com o Prêmio do Banco da Suécia em Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel em 1991, apontou o vício de muitos economistas de observar a realidade exclusivamente a partir de seus modelos teóricos. A estes colegas, Coase chamou ironicamente de “economistas de quadro-negro”. Infelizmente, estes economistas não estão apenas na academia dando aulas, como sugere o rótulo irônico atribuído por Coase, mas também assessoram empresas e ocupam cargos em governos. São muitos consultados por órgãos de imprensa, onde emitem opiniões gerais sobre o estado da economia.

O problema destes economistas é que eles se recusam a sair da análise confortável que seus modelos proporcionam, e encarar as peculiaridades do momento histórico que estamos vivendo. Preferem os horizontes seguros, porém estreitos e, no momento que estamos vivendo, muitas vezes irreais de seus modelos, a tentar compreender os problemas e desafios atuais. Isto não seria uma falha grave se o momento que estamos vivendo não fosse tão dramático e decisivo.

O momento histórico que estamos vivendo é marcado e determinado pelo confronto global entre Estados Unidos e China. Este confronto não se desenrola apenas no plano político e militar (com o apoio aos seus respectivos aliados na Guerra da Ucrânia), mas ele também vem se desenrolando no campo econômico. A economia sempre foi e continua sendo uma dos principais frentes de disputa de poder entre países, e o atual confronto exacerbou algumas dimensões econômicas importantes, e que deveriam ser levadas em conta aqui no Brasil.

A primeira frente é o comércio exterior, com a imposição de barreiras tarifárias e outros tipos de barreiras, como a necessidade de autorização para empresas norte-americanas e de outros países que tenham interesses comerciais nos

Estados Unidos de autorização, se quiserem negociar com empresas chinesas que fazem parte da entity list (a lista negra do governo dos EUA).

A primeira iniciativa clara neste sentido partiu do ex-presidente Donald Trump em janeiro de 2018, com a imposição de tarifas sobre a importação de painéis solares e máquinas de lavar. Seguiram-se outras medidas, incluindo até mesmo a paralisação da OMC como órgão de solução de disputas comerciais.

A segunda frente é a tecnologia. Trata-se neste caso de dificultar o acesso da China a produtos e tecnologias de ponta. Em artigo recente (“O Conflito Geopolítico e a Crise dos Circuitos Integrados”, Diário de Petrópolis, 27 de junho de 2022) tratei das restrições dos Estados Unidos aos circuitos integrados, citando a proibição norte-americana de que a empresa TSMC de Taiwan forneça chips para a empresa chinesa Huawei. As restrições contra a China não se limitam, todavia, ao caso dos circuitos integrados, mas envolvem tecnologias de reconhecimento facial, tecnologias de monitoramento por big data e drones, inteligência artificial e biotecnologia, entre outras. Obviamente, estas restrições implicam dificuldades para o comércio internacional e as cadeias globais de valor.

A terceira frente é a energia. Nesta frente há desde a ênfase em tecnologias sustentáveis que dispensam o uso de combustíveis fósseis (uma fonte permanente de dor de cabeça e problemas geopolíticos, em função da concentração destes combustíveis em determinadas regiões do planeta), até a redução da importação de gás e carvão russos e a promessa do bloco europeu de reduzir a zero a importação do petróleo daquele país até o final de 2022. As consequências têm sido graves: não apenas temos a alta do preço do petróleo e do gás natural, mas até mesmo o risco de grandes empresas como a Basf interromperem sua produção

(<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2022/03/epoca-negocios-bas-f-pode-interromper-producao-se-oferta-de-gas-cair-abaixo-da-metade-de-sua-necessidade.html>).

A quarta e última frente ainda vem mostrando pouca movimentação: a moeda. Os Estados Unidos desfrutam uma enorme vantagem por terem o dólar como o padrão global para transações comerciais, investimentos e aplicações financeiras

internacionais. Exceto pela iniciativa de China e Rússia de aceitarem suas moedas nas compras de gás, e das compras chinesas e russas de ouro (que representam ainda uma parcela muito pequena de suas reservas), não tem havido movimento importante nesta frente. Porém, se o confronto chegar até aqui, as consequências serão muito graves. Trataremos disto nos próximos artigos.

A importância e os impactos do confronto Estados Unidos-China nestas frentes mostra que o ambiente econômico global está sujeito não apenas a muitas dificuldades nos próximos anos, mas talvez até mesmo a crises severas.

Enquanto isto, os economistas de quadro-negro no país continuam elaborando suas análises da economia brasileira, supondo que a economia mundial é estável e com liquidez (dinheiro) abundante. É preciso sair do quadro-negro e elaborar planos para que o país enfrente as tempestades que estão aí, e as que estão a caminho.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-214230>